



N.º 177—Lisboa, 12 de Janeiro

8.º ANNO 1907

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAELO BORDALLO PINHEIRO

<p>Publica-se aos sabbados Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da PARODIA PREÇO AVULSO 40 RÉIS Um mez depois de publicado 80 réis</p>	<p>REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50</p> <p>Assignaturas (pagamento adeantado)</p> <p>Lisboa e provincias, anno 52 num. 2\$000 rs. Semestre, 26 numeros. 1\$000 rs. Cobrança pelo correto. 500 rs.</p> <p>Brazil, anno 52 numeros 3\$000 rs. Africa e India Portuguesa, anno. 2\$000 rs. Estrangeiro, anno, 52 numeros. . . 3\$600 rs.</p> <p><i>Nota:</i> — As assignaturas por anno e por semestre acceitam-se em qualquer data: tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho</p>	<p>EDITOR — CANDIDO CHAVES</p> <p>Composição e impressão “A EDITORA,” L. do Conde Barão, 50</p>
--	---	--

Ordem do dia

E. D. S.

Primeiro ministro da fazenda do ministerio franquista.
Entrou no poder por um buraco da Carta Constitucional.
Portuguez de nascimento.
Austriaco de origem.
Homem de negocios.
As razões do dividendo.
Categoria social «dos que tem que perder».



Fundada

EM

1732

Antiga Casa Bertrand

LIVRARIA-EDITORA

Fundada

EM

1732

Almanach Bertrand

PARA 1907

Coordenado por **FERNANDES COSTA**

8.º ANNO DE PUBLICAÇÃO

360 paginas, 512 gravuras e capa a 8 côres e oiro

A maior recommendação d'este *Almanach* está na protecção crescente que desde o seu 1.º anno o publico lhe tem concedido. Cumprindo sem desfallecimentos o seu programma e apresentando, de anno para anno, attractivos maiores, o *Almanach Bertrand* é, entre todas as publicações portuguezas do genero, aquella que tem attingido mais elevada tiragem, sendo de

12:000 EXEMPLARES

a do presente volume, por achar-se ha muito exgotada a de 10:000 do anno anterior.

E apesar do seu grande desenvolvimento, da abundancia quasi inexgotavel do seu texto, da prodigalidade das suas illustrações, da nitidez da sua impressão, dos aperfeiçoamentos incessantes n'elle introduzidos, o *Almanach Bertrand* continúa a ser, não só no seu genero, mas ainda mesmo absolutamente considerado.

**A publicação mais barata
que se tem feito em Portugal**

Brochado, 500 réis; cartonado, 600 réis; em marroquim, 1.000 réis; pelo correio mais 60 réis

Obras completas de ALEXANDRE HERCULANO

Poesia: — 1 vol. 600 réis.

Romances: — **Eurico o Presbytero** —
1 vol. 600 réis.**O Monge de Cistér** —
2 vol. 1.8200 réis.**O Bobo** — 1 vol. 600 réis.**Lendas e Narrativas** —
2 vol. 1.8200 réis.Historia: — **Historia de Portugal** —
4 vol. 5.8000 réis.**Historia da origem e
estabelecimento da
Inquisição em Por-
tugal** — 3 vol. 1.8800.Opusculos: — Vol. I — **Questões publi-
cas.**Opusculos: — Vol. II — **Questões publi-
cas.**Vol. III — **Controversias
e estudos historicos.**Vol. IV — **Questões publi-
cas.**Vol. V — **Controversias e
estudos historicos.**Vol. VI — **Controversias e
estudos historicos.**Vol. VII — **Questões pu-
blicas.**Vol. VIII — **Questões pu-
blicas.**

A 600 réis o volume

Estudos sobre o casamento civil
— 2.ª edição — 1 vol. 600 réis.

A Nova Collecção Popular, já hoje conhecida em todo o paiz, é uma bibliotheca de romances illustrados, que offerece ao publico edições de luxo e de arte pelo preço das edições baratas. Publica todas as semanas 1 caderneta de 3 folhas de grande formato, com 3 magnificas gravuras, pelo preço inverosimil de 60 réis por semana, ou 2 folhas com 2 gravuras com 16 paginas de texto, por 40 réis. Em tomos mensaes de 15 folhas com 15 gravuras, brochados 300 réis. Acha-se aberta **Assignatura Permanente** para os **Romances** abaixo designados, cada um d'elles illustrado com mais de 200 gravuras. Intitulam-se:

A **Toutinegra do Moinho**, por Emilio Richebourg.A **Irmãzinha dos Pobres**, por Emilio Richebourg.

Mãe e Rival, por Emilio Richebourg.

A **Mulher do Realejo**, por Xavier de Montépin.O **Regimento 145**, por Julio Mary.A **Filha do Condemnado**, por Adolpho d'Ennery.Os **Dois Carotos**, por Pierre Decourcelle.Os **Amores de Margarida de Borgonha**, por Henri Demesse.**Em publicação:**Herança **Inesperada**, por Emilio Richebourg.

ANTIGA CASA BERTRAND

ANTIGA CASA BERTRAND

Fundada

EM

1732

73 e 75, Rua Garrett — 25 a 37, Rua Anchieta

LISBOA

Fundada

EM

1732

PARODIA

FUNDADOR
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Publica-se aos sabbados

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA

PREÇO AVULSO 40 RÉIS

Um mez depois de publicado 80 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — L. do Conde Barão, 50

Assignaturas (pagamento adeantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num, 25000 rs.	Brazil, anno 52 numeros 50000 rs.
Semestre, 26 numeros 13000 rs.	Africa e India Portugueza, anno . 25000 rs.
Cobranca pelo correto 5100 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros . . 35000 rs.

Nota: — As assignaturas por anno e por semestre accitam-se em qualquer data, tem porem de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Composição e impressão

"A EDITORA,"

L. do Conde Barão, 50



O Sr. Mello e Sousa decide-se a lançar á conta de lucros e perdas a manifestação do Terreiro do Paço

Segunda carta ao conselheiro João Franco, seguida de uma "complainte,, sobre o seu mallogro

EX.^{mo} SR. CONSELHEIRO:

Como v. ex.^a tem todo o ar ao mesmo tempo surprehendido e irritado de um homem que não comprehende, vamos nós explicar-lhe o que v. ex.^a não comprehende.

O que v. ex.^a não comprehende, ex.^{mo} sr. — é o Progresso.

Não se ria v. ex.^a! O Progresso não é uma palavra. O Progresso é um facto.

V. ex.^a restringe talvez a sua noção do Progresso. Imagina — quem sabe? — que o Progresso é por exemplo, uma locomotiva. O Progresso é com effeito, uma locomotiva, mas é alguma coisa mais. Não são só as locomotivas que andam com o Progresso. Com elle tambem andam — as idéas.

Ora, para o espirito de v. ex.^a, segundo estâmos vendo, só as locomotivas andam. As idéas estão paradas. Pararam com v. ex.^a. V. ex.^a não caminha pela razão além da sua concepção de monarchia democratica e não comprehende que as razões do Progresso lhe passem adiante. D'ahi, a sua surpresa e a sua irritação.

O que imagina v. ex.^a que se está passando em Portugal?

O que v. ex.^a imagina é que em Portugal ha um partido politico que se oppõe á obra do seu governo.

Aqui está! V. ex.^a não comprehende. Em Portugal não ha partido algum a oppôr-se a v. ex.^a. O que se oppõe a v. ex.^a é o Progresso e esse progresso sabe v. ex.^a como se chama? Não se chama, como v. ex.^a cegamente suppõe, Bernardino Machado, ou Affonso Costa, ou Alexandre Braga, ou Antonio José d'Almeida, ou João de Menezes. Chama-se — Democracia, e não é um homem; é uma força. Essa força é social.

V. ex.^a não admite que exista em Portugal uma força social que se chame — Democracia. Acha isto absurdo. A crise monarchica, segundo o seu conceito, era tão somente o resultado da obra de algumas administrações desregradas. Afinal, era uma indisposição passageira e que se dissiparia com o simples annuncio de que v. ex.^a ia administrar melhor. A questão de

direito, a questão de liberdade, a questão de progresso para v. ex.^a não existiram; tudo se reduzia a uma questão de administração. Como no tempo de Fontes, o paiz continuava pedindo — moralidade e economias. Nada mais. Um programma de moralidade e algumas economias deviam reconciliar-o com a monarchia. V. ex.^a teve esta idéa extravagante — de que as relações dos principios obedecem á moral bonancheirona das relações pessoases. V. ex.^a acreditou que entre estas duas soberanias — a do rei e a do povo, havia um animo, e que para as reconciliar bastava dizer-lhes com uma boa voz paternal — Vamos! abracem-se!

Essa reconciliação não se deu e ao que o attribue v. ex.^a?

Ao partido republicano.

V. ex.^a imagina que o que separa estas duas soberanias em Portugal — a do rei e a do povo, é o automovel do sr. Affonso Costa.

Aqui está! V. ex.^a não comprehende o Progresso. V. ex.^a vê só homens; não vê factos.

O que faz então?

Cahe a fundo sobre os homens. Na realidade, pore, cahe a fundo sobre os factos. Imagina que está a combater um partido e está a combater a sociedade.

Qual o resultado da sua obra?

Esse resultado está-se vendo já.

V. ex.^a fez regressar a monarchia á sua phase de combate. Até aqui, os governos que precederam o de v. ex.^a diziam manter o principio da ordem, em nome dos interesses sociaes. V. ex.^a pôz claramente a questão da ordem em nome dos interesses monarchicos. Quer dizer, reconheceu a monarchia impopular e em guerra aberta com a nação, chamou ás armas, pediu socorro ao exercito. Isolou a monarchia na cidadella do velho direito e fechou a porta atraz de si.

Na realidade o que fez v. ex.^a?

Declarou a guerra civil.

Antes de v. ex.^a não havia em Portugal odios. Hoje ha odios. Se isto pode dar algum prazer ao espirito de

v. ex.^a aqui o reconhecemos. V. ex.^a despertou o sentimento monarchico. Simplesmente não fez por isso mais monarchicos do que aquelles que já havia. O que fez foi incendiar a alma dos que já o eram. Esses odeiam. O seu odio não é ainda combativo — é um surdo ranger de dentes — mas ha de vir a sel-o. V. ex.^a, sr. conselheiro — nunca um conselheiro exerceu uma acção tão dramatica! — ainda não derramou sangue, mas já o promette.

Aqui está o resultado da sua obra! Salvou a monarchia?

Não! Perdeu-a. Mais do que nunca a perdeu, e perdeu-se a si.

V. ex.^a queixa-se dos republicanos.

E' um ingrato. Os republicanos quiseram salv-o. V. ex.^a, pode dizer-se, começou a governar com a solidariedade d'esse partido, que o olhava com uma curiosidade sympathica, quando já os seus amigos conservadores o combatiam com furia. A imprensa republicana foi accusada de lhe dar apoio. Quasi de cumplicidade com a sua obra foram accusados os deputados republicanos. A opinião publica, com a qual v. ex.^a dizia ser indispensavel governar, dava-lhe uma adhesão que, pelo facto de não ser entusiastica, nem por isso era menos effectiva.

Nós, ex.^{mo} sr., — nós, que d'aqui lhe estamos dizendo estas descoroçoadas palavras — nós eramos franquistas, e se viamos a monarchia caminhando pela sua mão para as puras soluções democraticas, nem por isso nos sentiamos menos regosijados, porque no fundo somos republicanos, e exclamavamos regosijados: — Perca-se tudo, mas salve-se o João Franco!

V. ex.^a afinal, não se salvou, não salvou a monarchia e não se salvou a si. Foi duplamente um desastrado, e, por muito que isto lhe pareça uma affirmacção piegas, pode crer que lhe ficamos querendo muito mais mal por não se ter salvo a si do que por não ter salvo a monarchia, porque a vida de um homem são é muito mais preciosa do que a vida de um principio doente.

JOÃO RIMANSO.

A defesa e o sopeirame nacional

Intervindo na discussão do projecto — nem sabemos se já é lei — da chamada *Defesa Nacional*, o sr. dr. Zeferino Candido declara-se partidario da paz e considerar o militarismo um factor da guerra, combatendo-o n'esse sentido e com essa significação.

Está o sr. dr. Zeferino Candido no seu direito, que ninguem lhe contesta. Mas s. ex.^a far-nos-ia grande favor explicando em que circumstancias deixa de combater o exercito, isto é, para que julga o exercito necessario, uma vez que lhe condemna a função guerreira.

Se é para simples vista, achamos um luxo carote de mais. Se é por causa da creada do sr. dr. Zeferino Candido, achamos o effectivo do nosso exercito demasiado, conquanto não conheçamos as exigencias da moça.



Mas se ella é rasoavel e se contenta, como as outras, com um, o melhor será reduzir esse effectivo a um substituto — e dar-lhe um policia.



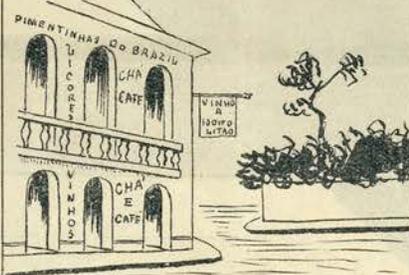
E assim acabavamos com uma discussão irritante e não levantavamos attrictos ao sr. —... lá vamos fazendo asneira! —... áquelle sr. de quem não se pode dizer o nome.



Malatesta, Successores

Que mundo este! ..

O celebre palacio Malatesta, onde Francesca de Rimini e seu cunhado e amante, o famoso Paolo Malatesta foram assassinados pelo marido e irmão, acaba de ser vendido a um industrial que o vae transformar em fabrica de generos alimenticios.



N'essa casa, que foi theatro da estupenda tragedia que inspirou Dante e outros collegas do sr. Luiz de Araujo e um sem numero de pintores celebres, vão fabricar macarronete, pevidinha, cevadinha...

Associamo-nos, em parte, á justa dôr de um collega que protesta indignado contra o facto, mas não quando diz que o aposento onde o gentil Paolo se abrasava de amor junto da formosissima Francesca vae ser convertido em fabrica de massa de tomate.

Esta ultima parte é rasoavel. Achamos a fabrica de massa de tomate devidamente installada.

A coisa tem assim um character de trespassse de estabelecimento, por o Malatesta não poder continuar á testa... do negocio.



O flagello dos sineiros

A questão religiosa em França, está dando lugar aos casos mais picarescos.

Assim, telegraphou a H. as, de Paris, que na maior parte das egrêjas foram supprimidos os toques de sinos. ... por falta de verba para pagar aos sineiros.



Ora, nós que importamos tudo de França, *toilettes*, litteraturas, automoveis, usos, costumes e não poucas asneiras, não poderíamos e deveríamos aproveitar este ensejo para supprimir os toques dos sinos que são, entre nós, um verdadeiro flagello?

Ao governo deixamos apontado o facto, que alem de importar uma grande economia de paciencia da gente, representaria, tambem, uma economia nos ordenados dos sineiros, se é que algum paga a esses malvados, o que é de supôr, porque no nosso p. i. i. paga-se geralmente bem a quem mais atormenta o bicho contribuinte.

Para badalar todo o santissimo dia bem bastam as nossas carissimas esposas e venerandas sogras.



Arre diabo, antes o carrilhão de Mafra! Que ao menos é por musica.

Allemaes celebres

O *Jornal do Commercio*, fazendo-se ecco de um plebiscito aberto ultimamente por uma revista allemã relativamente aos doze allemães contemporaneos mais celebres, depois de estampar os nomes votados, pergunta muito indignado:

E Bismark?... E Wagner?...

Comquanto não tenhamos procuração da revista plebiscitaria, acudimos pressurosamente a estancar a fonte das indignações do *Jornal do Commercio*, informando-o de que Bismark e Wagner falleceram ha tempos de morte natural, segundo rezam as respectivas certidões d'obito, tendo sido por tal facto exonerados da commissão de contemporaneos que exerciam.



Como quem diz em bom portuguez — acham-se na situação de celebres tora do quadro.

ROMEU E JULIETTA



On revient toujours à ses premiers amours

Para o Dicionario da Academia

As *Novidades* fazendo o justo elogio do illustre e honrado official de marinha que é o conselheiro Ferreira do Amaral, dizem que s. ex.^a *marinhou* até os mais altos postos.



Entendemos ser dever patriótico recommendar á secção da Academia Real das Sciencias incumbida do Dicionario Portuguez este termo, cuja significação é evidente, uma vez que se refere a um official da armada.

Parece-nos regular que o termo seja incluído no Dicionario com a seguinte definição.

MARINHAR — v. a. Acção de ascender aos mais altos postos da marinha de guerra. Trepar pelo pau da bujarrona da hierarchia naval. (Term. Mour.) (1)

(1) Term. Mour., abreviatura de termo da Mouraria.



Livros

Novos Poemas

Manoel da Silva Gayo

O illustre poeta e nosso querido amigo dr. Manoel da Silva Gayo, enviou-nos de Coimbra um exemplar do seu ultimo livro, um encantador livro de versos — *Novos poemas*.



Não taremos a ninguem a injuria de suppôr que desconheça o auctor do *Mondego* e dos *Versos escolhidos*.

Occioso, portanto, é insistir n'uma coisa que está no espirito de todos quantos em Portugal leem: que folheando-se um livro de Manuel Gayo se tem, sempre, uma intensa impressão de arte.

Assim com os *Novos Poemas*, que acabamos de lêr. Que perfeição de versos e afinada sensibilidade de poeta! A Silva Gayo o nosso agradecimento pela gentileza da offerta.

O volume é uma elegantissima edição sahida dos prelos da Imprensa da Universidade.



O barytono Bodini

Quem estas linhas escreve não morre de amores pelo theatro lyrico, pelando-se, ao contrario, pelo genero Chico e quanto mais de carola á banda melhor.

Mas o cidadão escrevente não perde ensejo de lêr criticas de S. Carlos, com o louvavel intuito de vir a amar a opera lyrica. Baldado esforço! Até parece que quanto mais lê mais aborrece a divina arte!

Ora aqui temos nós um critico a contas com a *Tosca* cantada ha noites:

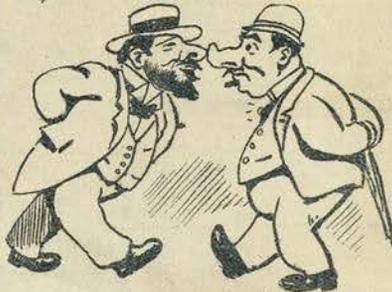
* «Pois se ha, na verdade, um papel, em que o barytono vibrante e esmaltado sr. Bodini esteja á vontade, é no Scarpia da *Tosca*, cujo character cynico não pode ir mal no artista pautado...»



Pautado e esmaltado?
Mas não é um barytono: é um caderno de papel para cartas!

LIGAS

Annunciam os jornaes que reúne brevemente a assembleia geral da Liga contra o aperto de mão, installada em Lisboa, e que já conta 326 associados, ou sejam 652 mãos que se negam a a apertos, a fim de tratar da remodelação dos seus estatutos.



Agora que os srs ligados pelos pés — uma vez que o não podem ser pelas mãos — vão metter as mãos — muito separadas — na massa da reforma dos estatutos, lembramos-lhes o desdobraimento da Liga em secções de utilidade geral, como, por exemplo: A Liga contra o aperto de calçado.



A Liga contra os apertos de uretra.



A Liga contra as circunstancias apertadas, devendo entender-se por circunstancias tudo quanto offereça resistencia a uma facil entrada.



Quando este desdobraimento, que tanto se impõe, fôr levado a cabo, pode a Liga contar com o applauso geral, significado por salvas de palmas dadas com os pés.

Redes de frisar



ANTES

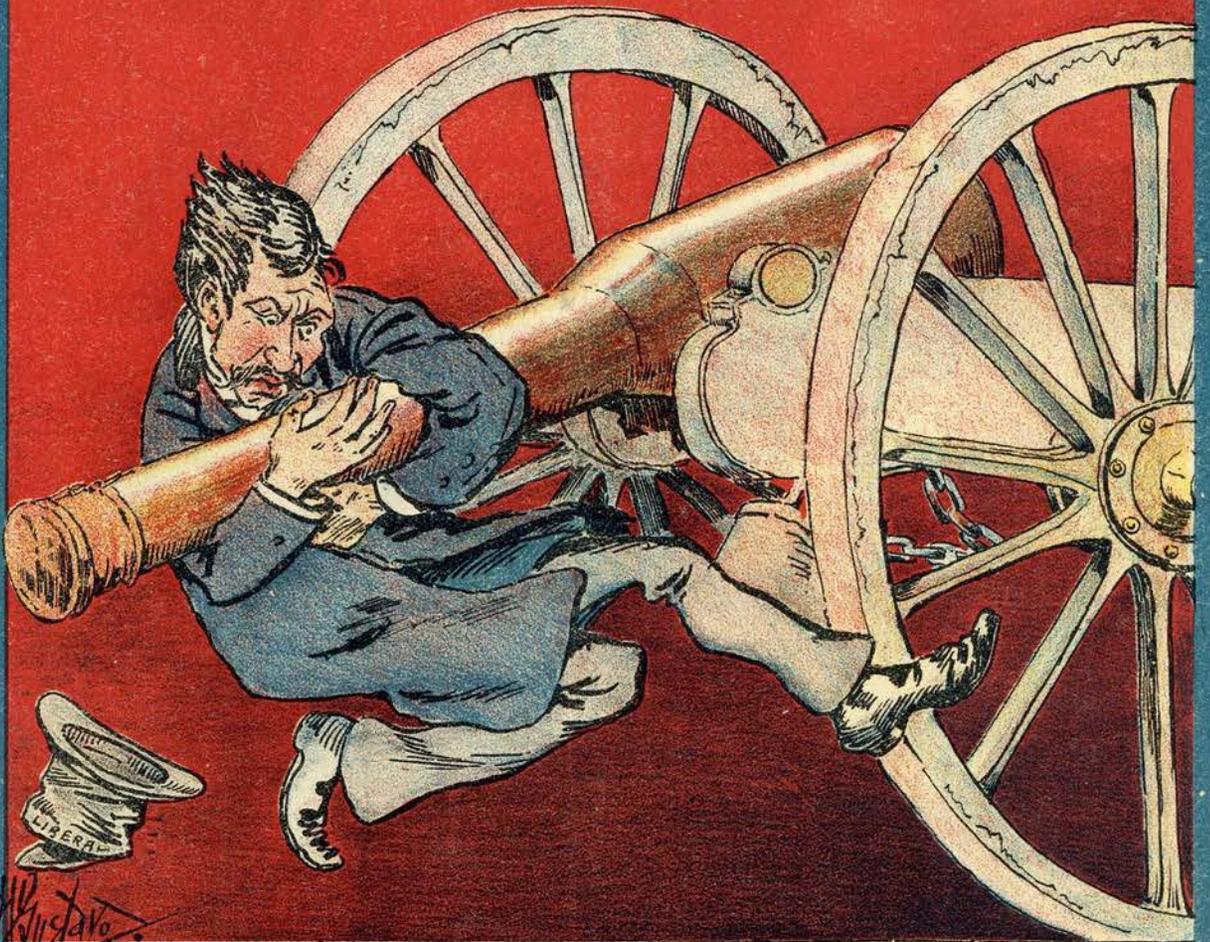


DURANTE



DEPOIS

O que o chefe do governo chama "governar com a opinião publica"



Alf. Gustavo

CAVALLARIA

INFANTERIA

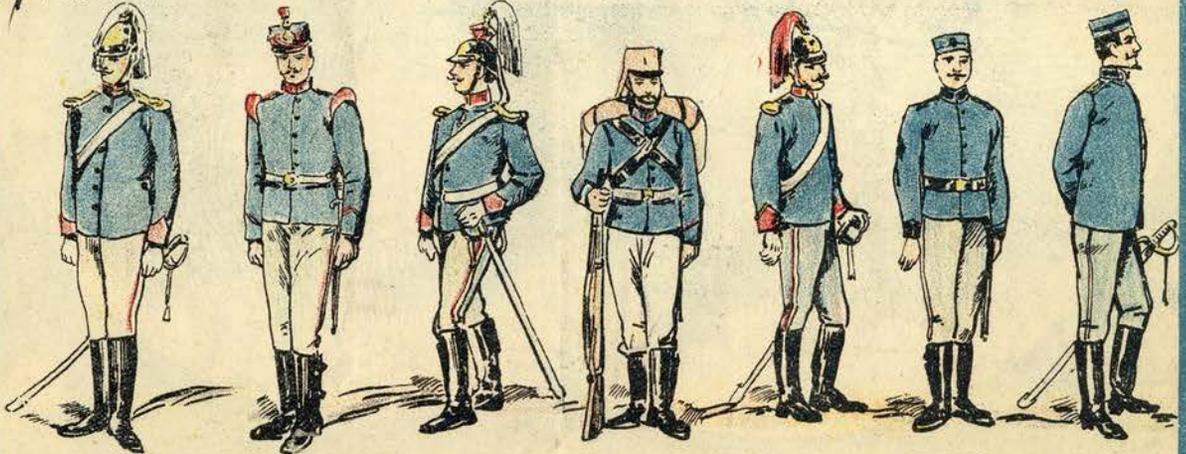
LANCEIROS

INFANTERIA

ARTILHERIA

ENGENHERIA

ENGENHERIA



EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Serviço da Costa Occidental e Oriental d'Africa

ITINERARIO

Lisboa..... (Part.)	1	7	22	Beira.....	11/12	—	—
Madeira.....	3	9	—	Lourenço Marques..	14/16	—	—
S. Vicente.....	—	13	—	Mossamedes.....	—	9	22
S. Thiago.....	—	14/15	28/29	Benguella.....	—	10/11	23/24
Príncipe.....	—	23/24	7	Lobito.....	—	12	25
S. Thomé.....	13	25/27	8/10	Novo Redondo.....	—	13	26
Cabinda.....	—	—	12	Loanda.....	—	14/16	27/29
St.º Antonio do Zaire	—	—	13	Ambriz.....	—	17	30
Ambriz.....	—	30	14	St.º Antonio do Zaire	—	—	31
Loanda.....	16	1/3	15/16	Cabinda.....	—	18	2
Novo Redondo.....	—	4	17	S. Thomé.....	28	20/22	4/6
Lobito.....	—	5	18	Príncipe.....	—	23	7
Benguella.....	—	6/7	19/20	S. Thiago.....	—	1	15
Mossamedes.....	—	8/9	21/22	S. Vicente.....	—	—	16
Lourenço Marques.....	25/2	—	—	Madeira.....	9	—	20
Beira.....	4/5	—	—	Lisboa..... (Cheg.)	12	7/8	22/23
Moçambique.....	7/9	—	—				

VAPORES: Ambaca — Cazengo — Cabo Verde — Angola — Benguella — Zaire — Malange — Portugal — Africa — Loanda — Bolama — Zambesia — Príncipe — Mindello — Guiné e Lusitania.

Para carga, passagens e quaesquer esclarecimentos, dirigir-se: NO PORTO: aos agentes srs. H. Burmester & C.ª, rua do Infante D. Henrique.

Sede da Empresa: RUA D'EL-REI, 85 — LISBOA

Real Fabrica de Louça de Sacavem

Deposito geral R. da Prata, 126 a 132

GRANDE SORTIMENTO EM LOUÇA AVULSO

Variadissimos e lindissimos serviços de jantar, de chá e de toilette.

Preços e qualidade sem rival, igual á melhor louça das fabricas estrangeiras.

Não se deve comprar louça sem primeiro ver a de Sacavem.

COMPAGNIE

D.F.S

Messageries Maritimes

Paquebots poste français

LINHA TRANSATLANTICA

Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres

Chili, commandante Olivier que se espera de Bordeaux em 21 de janeiro.

Para Las Palmas, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres

Sinai, commandante *** que se espera de Bordeaux em 18 de janeiro.

Preço da passagem de 3.ª classe de Lisboa para o Brazil, 37\$000 réis.

Preço da passagem de 3.ª classe de Lisboa para Montevideu ou Buenos-Ayres, 42\$000 réis.

Para Bordeaux, em direitura

Sahirão os paquetes:

Amazone, commandante Lindin que se espera do Brazil em 24 de janeiro.

Cordillere, commandante Richard que se espera do Brazil em 6 de fevereiro.

Para passagens de todas as classes, carga e quaesquer combinações trata-se na Agencia da Companhia, 32, rua Aurea.

Para passagens de 3.ª classe trata-se tambem com os srs. Orey Antunes & C.ª — 4, Praça dos Remolares, 1.º.

Os Agentes,

Sociedade Torlades

32, Rua Aurea.

H. LOPES DE MENDONÇA

Affonso de Albuquerque

Drama em 5 actos, em verso, actualmente em scena no theatro de

D. Maria II.

800 réis

Pedidos á "A Editora", Largo do Conde Barão, 50.

A venda em todas as tabacarias e livrarias e no camaroteiro do theatro

